

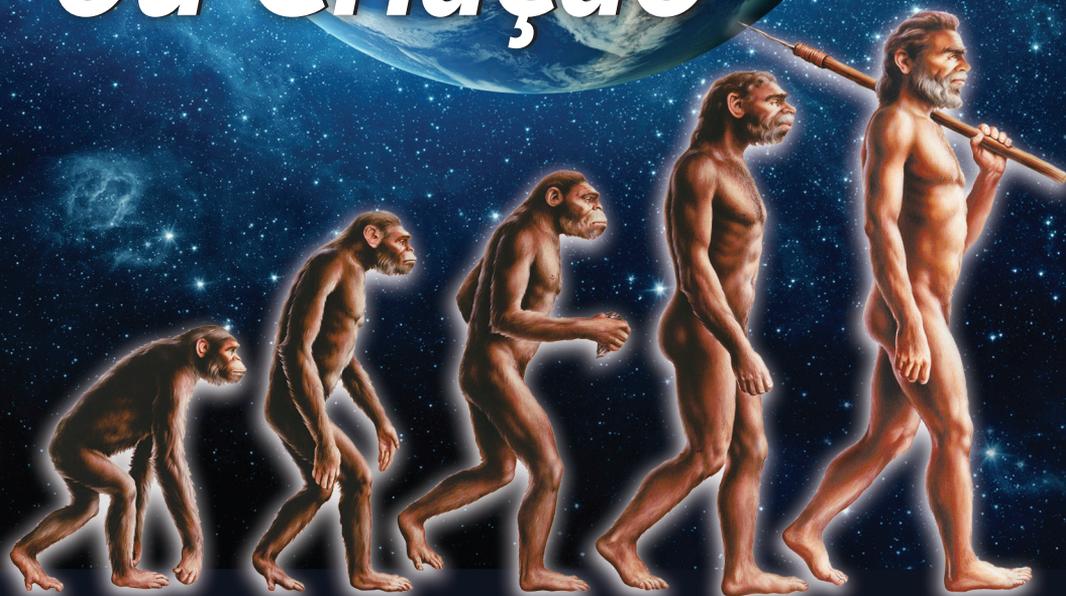
SINAIS
DOS
TEMPOS

/ UTOPISMO DIGITAL
/ MUDANÇA DE PARADIGMA DO CONCEITO DE FAMÍLIA
/ JESUS, O DISCÍPULO DE DEUS

T

COSMOVISÕES

Evolução ou Criação



PUBLICADORA SERVIR
1º TRIMESTRE 2020
N. 152 / ANO 38 / €2,00

0 873901 320016



PUBLICADORA SERVIR
1º TRIMESTRE 2020
N. 152 / ANO 38

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**
DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**
COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**
E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**
DIAGRAMAÇÃO **Sara Sayal**
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA
Publicadora SerVir, S. A.
DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**
SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz
EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé
EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas
TIRAGEM **15 000 exemplares**
DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**
PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**
ASSINATURA ANUAL **8,00€**
ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Vítimas ou vencedores

CIÊNCIA

04

Porque os cientistas interpretam a realidade de modo divergente?

Razões para o conflito entre Evolucionistas e Criacionistas.

ATUALIDADE

12



Utopismo digital

A ameaça das novas tecnologias.

FAMÍLIA

18

Mudança de paradigma do conceito de família

Desafios à conceção tradicional da família.

PSICOLOGIA

23

Perdoar faz bem

O perdão é a base de todos os relacionamentos.

PROFECIA

26



Jesus, o discípulo de Deus

Uma fascinante profecia sobre o Messias.

32

NOTÍCIA POSITIVA 2020 – Ano Internacional da Fitossanidade

A importância da saúde das plantas para o Homem.

33

NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR

165 toneladas de resíduos retirados de praias portuguesas

Em defesa do ambiente.

34



A BÍBLIA ENSINA – O Deus Criador, Soberano e Salvador

O que tem a Bíblia a dizer sobre Deus.

Vítimas ou Vencedores



≈

Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

Parabéns! Felicito-o/a por mais um ano. Já estamos na porta de entrada da segunda década do século XXI. Este 2020 é o “*Ano Internacional da Fitossanidade*” para destacar a importância da saúde vegetal, melhorar a segurança alimentar, proteger o meio ambiente e a biodiversidade e impulsionar o desenvolvimento econômico. Por isto, começamos bem.

Lembramos nesta *ST* que a “família” é um dos mais emocionantes termos do vocabulário humano, associado ao amor, ao afeto e ao conforto, à segurança, à aceitação, à proteção e à educação. Contudo, veremos que o conceito de família mudou de paradigma. Por outro lado, descobriremos também que “perdoar faz bem”, porque “o perdão é a base de todos os relacionamentos”. Confirmam os estudos e os especialistas que “não perdoar é prejudicial à interação humana e à saúde física e mental”.

Recorde-se ainda que a cultura ocidental funcionou, durante séculos, dentro do contexto de uma cosmovisão cristã. Por isso, as respostas às questões profundas e complexas do ser humano (Como se originou a vida? De onde vieram os seres humanos? Como surgiram a Terra, o Sol, os Planetas e o Universo? Por que razão as leis da Natureza parecem tão confiáveis e misteriosas?) estavam baseadas na crença de que Deus

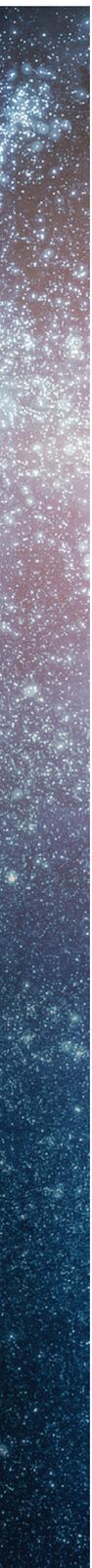
existe, sendo Ele o Criador e o Mantenedor de tudo o que há no Universo. A Bíblia era geralmente considerada uma confiável revelação de Deus e a base da fé, do comportamento e da esperança do ser humano. Muitos dos fundadores da Ciência moderna – Copérnico, Galileu, Kepler, Pascal, Boyle, Newton, Halley e outros – acreditavam nesses conceitos centrais. Todavia, durante os últimos duzentos anos, a nossa cultura, e particularmente a comunidade científica, tem-se distanciado da cosmovisão bíblico-cristã, assumindo uma postura naturalista, descartando qualquer intervenção sobrenatural na origem, no funcionamento e na manutenção do mundo.¹ Porquê esta mudança e esta diferença? Daremos uma explicação.

Por último, é surpreendente o complexo desenvolvimento científico e tecnológico alcançado pela sociedade humana até ao século XXI. Em não poucas ocasiões, causa espanto, quase incredulidade, pelo arrojo da ambição das descobertas. Contudo, infelizmente, o cúmulo da ironia é que o Homem caiu vítima da sua própria tecnologia, tornou-se escravo de algumas das suas descobertas, ao enredar-se na “teia de aranha” da utópica e pseudo liberdade dos “gadgets” do “touch”... Podemos permanecer vítimas ou sair vencedores. Para saber como se defender, e vencer os megamonopólios, leia esta *ST*. Boa leitura! ▢

¹ L. James Gibson & Humberto M. Rasi, *Mistérios da Criação*, São Paulo: CPB, 2013, pp. 5-7.

PORQUE OS CIENTISTAS INTERPRETAM A REALIDADE DE MODO DIVERGENTE?¹

≈ Humberto M. Rasi
*Doutor e professor em
Educação*



Acredita-se geralmente que pessoas instruídas que dedicam a vida profissional à Ciência abordam o estudo de algum fenômeno da Natureza com uma atitude imparcial. Usando equipamentos sofisticados, fazem observações cuidadosas, conduzem experiências, elaboram hipóteses e chegam a conclusões objetivas nas suas respectivas especialidades. Entretanto, outros cientistas, utilizando equipamentos técnicos semelhantes e estudando o mesmo aspeto do mundo natural, podem chegar (e com frequência chegam) a conclusões diferentes. Porque acontece isto? A resposta a esta questão pode ser dada em três níveis.

DIFERENÇAS DE INTERPRETAÇÃO

Algumas das razões pelas quais os cientistas chegam a conclusões diferentes nas suas pesquisas estão relacionadas com a amplitude e a fiabilidade das amostras obtidas, a adequação do projeto às experiências realizadas, a precisão dos instrumentos empregados ou, até, com o erro humano. Em geral, estes fatores podem ser corrigidos quando outros cientistas conhecem os resultados do estudo, examinam os dados e os procedimentos usados, tentam reproduzir as observações ou as experiências e, finalmente, determinam quais das conclusões ou das descobertas estão de acordo com o peso das evidências.

PARADIGMAS DIFERENTES

Uma outra razão importante pela qual existe desacordo entre os cientistas que estudam um fenômeno específico é que eles realizam investigações com base em paradigmas diferentes. A ideia proposta por Thomas S. Kuhn (no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, São Paulo: Perspectiva, 2006) sugere que a Ciência não constitui uma atividade empiricamente autónoma e objetiva, mas um empreen-

dimento coletivo influenciado por fatores histórico-sociais. Durante os períodos de “Ciência normal”, diz Kuhn, a comunidade científica age seguindo um modelo ou paradigma geralmente aceites. Todavia, ao acumularem-se resultados que não se encaixam dentro desse modelo, acontece uma “mudança de paradigma”. A partir de então, um novo consenso ou paradigma passa a fornecer os pressupostos e o modelo para se compreender o mundo natural e continuar com as pesquisas científicas. Kuhn dá como exemplo a mudança de paradigma que aconteceu no século XVI, quando a concepção geocêntrica do Universo, sustentada por Ptolomeu, foi substituída pelo modelo heliocêntrico do Sistema Solar, proposto por Copérnico.

Outra significativa mudança de paradigma aconteceu na década de 1960, quando o peso da evidência confirmou as ideias que Alfred Wegener (1880-1930) tinha apresentado acerca do movimento dos Continentes. Até então, pensava-se que as massas continentais do nosso Planeta eram fixas, ligadas por pontes terrestres que posteriormente teriam submergido. Numa conferência em 1912, Wegener propôs que os Continentes atuais teriam formado um supercontinente, ao qual chamou Pangeia. Mais tarde, ter-se-iam afastado. Em 1915, Wegener publicou a sua teoria num livro sobre a origem dos Continentes e dos Oceanos. Durante várias décadas, conceituados geólogos recusaram essa teoria da deriva dos Continentes, em parte por inércia intelectual e, principalmente, por falta de evidências concretas que a sustentassem. Faltava também um mecanismo que a pudesse explicar. No entanto, com a acumulação de dados favoráveis, a teoria de que os Continentes se foram separando foi aceite como válida. É hoje o paradigma dentro do qual operam



a geologia, a geofísica, a oceanografia e a paleontologia.

Atualmente, o debate sobre as mudanças climáticas oferece outro exemplo de divergência baseada num paradigma. Durante os últimos anos, numerosos cientistas vêm analisando dados que sugerem um aumento gradual da temperatura do Planeta. As projeções realizadas indicam que, se o aquecimento da atmosfera continuar ao ritmo atual, a Humanidade enfrentará uma catástrofe irreversível. Todavia, os cientistas estão em desacordo quanto à causa principal desse fenômeno. Aqui surge o conflito entre paradigmas. Um grupo crê que o aumento da temperatura é devido aos ciclos climáticos naturais que ocorrem independentemente da atividade humana. Outro grupo acredita que a atividade humana é a principal responsável pelo aumento da temperatura. É claro que as implicações éticas, económicas e políticas desse debate e da sua solução complicam a discussão do tema. Quando se resolver a controvérsia, haverá uma mudança de paradigma.

Num nível mais fundamental, pode-se atribuir as discrepâncias entre cientistas em diversas disciplinas aos pressupostos com que interpretam a origem do mundo natural e as leis que regem o seu funcionamento. Existe ou não um Ser Supremo que projetou, criou e sustenta o Universo e as suas criaturas? Este debate tem-se intensificado desde o século XIX, especialmente depois que Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies*, em 1859. Por que razão cientistas igualmente competentes e honestos discordam quanto à resposta a dar a esta questão fundamental? E, acima de tudo, seria uma questão que poderia ser resolvida com a utilização do método científico? Estas interrogações levam-nos a considerar o conceito de “cosmovisão” (conceção do mundo).

A COSMOVISÃO E AS SUAS IMPLICAÇÕES

Cada ser humano, incluindo os cientistas, desenvolve a sua cosmovisão, através da qual interpreta e explica a realidade. A nossa cosmovisão pessoal atua como um mapa mental que nos orienta nas nossas



decisões e ações. Nem mesmo os cientistas conseguem estudar um objeto, um organismo ou um fenômeno natural com uma atitude absolutamente objetiva. Todos abordam as suas pesquisas com base em pressupostos sobre o Universo e a vida, ou seja, com base na sua cosmovisão.

A nossa cosmovisão individual vai-se formando durante a adolescência e amadurecendo no começo da vida adulta. No início, é o resultado de várias influências – família, estudos, religião, informações dos meios de comunicação e cultura envolvente. Ao longo da vida vamos ajustando a nossa cosmovisão, respondendo a novas informações e a novas experiências. Basicamente, qualquer cosmovisão responde a, pelo menos, quatro perguntas fundamentais:

Quem sou? – A origem, a natureza e o propósito dos seres humanos.

Onde estou? – A natureza e a extensão da realidade.

O que está errado? – A causa da injustiça, do sofrimento, do mal e da morte.

Qual é a solução? – Maneiras de vencer estes obstáculos às realizações humanas, con-

seguindo satisfação e bem-estar na vida.

É possível ampliar esta lista de questões. Mas o facto é que a nossa cosmovisão fornece o fundamento para os nossos valores e reflete-se nas nossas decisões e na nossa conduta. Ela tem influência, por exemplo, naquilo que escolhemos como nossa vocação ou profissão, na maneira como nos relacionamos com outros seres humanos, no modo como empregamos os nossos recursos financeiros, na forma de utilizarmos a Tecnologia, na nossa atitude para com o meio ambiente e até tem influência nas nossas decisões sociopolíticas quanto à justiça, à liberdade e à paz.

As respostas que damos a estas quatro perguntas básicas podem estar presentes num relato abrangente (uma metanarrativa) que integre conceitos como origem, propósito, significado e destino. Imagine-mos, agora, como dois cientistas igualmente qualificados, mas com diferentes cosmovisões – sendo um deles um Cristão, que crê na Bíblia, e o outro um evolucionista neodarwinista – estruturariam este relato fundamental a partir da sua perspectiva individual. É de notar que o impacto da cosmovisão de um cientista sobre as perguntas que orientam as suas pesquisas, os métodos que emprega, as teorias que formula e as conclusões a que chega é muito mais significativo nas Ciências históricas ou cósmicas do que nas experimentais ou matemáticas.

PRINCIPAIS COSMOVISÕES

Atualmente, a maioria dos nossos contemporâneos pensa e age dentro da estrutura referencial de uma das três principais cosmovisões:

Teísmo – Postula a existência de um Deus pessoal, Criador e Soberano do Universo. Este Ser Supremo está separado da Sua Criação, mas atua no funcionamento dela.



Panteísmo – Identifica uma deidade impessoal com as forças da Natureza e o seu funcionamento. Tudo o que existe faz parte do divino.

Naturalismo – Sustenta que a realidade consiste no Universo material funcionando de acordo com as leis naturais. Não haveria nada além disso.

Sabe-se que a Ciência moderna surgiu no mundo ocidental, do século XV ao XVII, no contexto de uma cultura teísta predominantemente cristã. Pensadores e cientistas em várias disciplinas, entre eles Copérnico, Galileu, Kepler, Pascal, Boyle e Newton, acreditavam num Deus Criador que estabeleceu as leis universais do mundo natural, as quais podiam ser descobertas e aplicadas para o benefício da Humanidade. Por outro lado, as culturas em que predominava o panteísmo não eram favoráveis à pesquisa e às experiências científicas, porque a Natureza era considerada divina e, portanto, sagrada. Em anos mais recentes, alguns pensadores têm procurado estabelecer relações entre essas três cosmovisões básicas. A evolução teísta, por exemplo,

tenta integrar o Cristianismo com o naturalismo, propondo que Deus age no mundo através do processo da evolução. Por sua vez, o neopanteísmo tenta ligar o materialismo científico com a mística religiosa.

CONTRASTES ENTRE AS COSMOVISÕES

Durante os últimos 150 anos, a comunidade científica tem-se distanciado gradualmente das suas raízes bíblico-cristãs, assumindo uma cosmovisão naturalista que rejeita toda a intervenção sobrenatural ou qualquer significado transcendente. É dentro desta cosmovisão que as Ciências geralmente são ensinadas, as pesquisas são conduzidas e os artigos rejeitados ou aceites para publicação. A expressão corrente mais popular desta cosmovisão é o Humanismo secular. O contraste entre os pressupostos básicos do Cristianismo bíblico e do Humanismo secular, como representantes do teísmo e do naturalismo, pode ser resumido assim:

Conceito-chave	Cristianismo Bíblico	Humanismo Secular
Realidade superior	Um Deus transcendente que atua no Universo e que pode ser conhecido pelos seres humanos com base na Sua autorrevelação.	Matéria e energia inanimadas.
Origem do Universo e da vida	Ambos foram criados por Deus, pelo poder da Sua Palavra, para funcionar com base nas leis de causa e efeito, num sistema por Ele sustentado e no qual Ele age livremente.	O Universo é eterno ou começou com uma súbita explosão cósmica; funciona com base nas leis de causa e efeito num sistema fechado. A vida surgiu por acaso e como resultado das leis naturais.
Meios de conhecer a verdade	A autorrevelação de Deus percebida através das obras que Ele criou, das Escrituras e, em especial, da Pessoa de Jesus Cristo. Deus também Se comunica com os humanos por meio da consciência e do raciocínio deles, iluminados pelo Espírito Santo.	Pelo uso da razão e da intuição humanas, operando através do método científico e confirmadas por meio dele. Para outros, a verdade está fora do alcance humano, se é que ela existe. Afinal, todo o conhecimento e toda a verdade são relativos à cultura, ao tempo e ao lugar.
Origem e natureza dos seres humanos	Seres físico-espirituais criados perfeitos segundo a imagem de Deus, capazes de decisões morais livres, agora em condições imperfeitas.	Os humanos são meramente outra forma de organismo vivente originado através de um processo evolucionário não guiado.
História humana	Basicamente, uma sequência significativa de eventos guiados pelas livres decisões humanas, mas supervisionados por Deus, que atua no cumprimento do Seu abrangente plano a favor das Suas criaturas.	Imprevisível e sem um propósito abrangente; guiada tanto por decisões humanas como por forças naturais, fora da compreensão e do controle humanos.
Base da moralidade	O imutável caráter de Deus (misericordioso e justo), revelado na vida de Jesus Cristo e nas Escrituras.	A opinião da maioria, costumes contemporâneos, tradições culturais, circunstâncias especiais ou a combinação de tudo isso.

Conceito-chave	Cristianismo Bíblico	Humanismo Secular
Causa do dilema humano	Rebelião consciente contra Deus e os Seus princípios; uma tentativa de entronizar os humanos como criaturas autônomas; como resultado, a imagem de Deus nos humanos foi corrompida e o mundo todo sofre.	Ignorância do verdadeiro potencial humano, leis más, governos incompetentes, falta de cooperação humana, defeitos humanos naturais.
Solução para o dilema humano	Um nascimento espiritual: confiança no perdão divino, através de Jesus Cristo, que leva a uma vida de amorosa obediência a Deus, autocompreensão apropriada, paz interior e relacionamentos harmoniosos.	Educação melhorada, mais apoio para a Ciência, avanço tecnológico, leis justas, progresso na tolerância e cooperação humanas, maior cuidado com a biosfera, etc..
Morte	Para alguns Cristãos: um período de inconsciência até ao dia do julgamento final de Deus. Para outros Cristãos: entrada num outro estado de consciência.	O fim definitivo da existência humana em todas as suas dimensões.
O destino final do ser humano	Para alguns Cristãos: seres transformados, vivendo eternamente numa nova Terra, ou eterna destruição para os que não aceitaram a oferta de salvação de Deus. Para outros Cristãos: inferno ou castigo eterno.	O nada e o esquecimento.

A DESCRIÇÃO BÁSICA DA COSMOVISÃO BÍBLICA

A existência de Deus e a Sua possível atuação como Criador do Universo e da vida são, por definição, questões que excedem o alcance e a capacidade da Ciência empírica. A resposta para esse tipo de pergunta baseia-se em pressupostos impossíveis de serem demonstrados e em evidências que podem ou não ser satisfatórias para cientistas de igual competência. No entanto, essas respostas têm influência na elaboração de hipóteses e

na interpretação dos dados em diversas atividades e investigações científicas.

Desde o começo da Ciência moderna, muitos cientistas cristãos têm realizado o seu trabalho dentro da premissa de que o Criador do Universo e da vida é o mesmo Deus que Se tem comunicado com o ser humano por meio da Bíblia. Este livro inspirado oferece uma cosmovisão e propõe uma descrição que inclui sete eventos na história do Universo:

A Criação no Céu – Em algum momento no passado remoto, Deus criou um Universo

"Criacionistas e Evolucionistas possuem exatamente os mesmos dados; a realidade é a mesma para eles. Contudo, a percepção desta realidade e a interpretação dos dados podem ser notavelmente diferentes para ambos, dependendo da perspectiva do indivíduo, das suas pressuposições, cosmovisão e até mesmo das suas tendências."

– Henry Morris (1918-2006, cofundador da *Creation and Research Society* e do *Institute for Creation and Research*).

perfeito e encheu-o com seres inteligentes e livres.

A rebelião no Céu – Um distinto ser criado rebelou-se contra os princípios de Deus, e, depois de uma batalha, foi banido para a Terra com os seus seguidores.

A Criação na Terra – Durante seis dias, num passado recente, Deus tornou este Planeta habitável, criou as plantas e a vida animal, incluindo o primeiro casal humano, dotado de livre arbítrio.

A Queda na Terra – Tentado pela criatura rebelde, o primeiro casal desobedeceu a Deus e todo o género de vida no Planeta sofreu as consequências, incluindo um devastador Dilúvio global.

A Redenção – Jesus Cristo, o próprio Criador, veio à Terra para resgatar os seres humanos caídos, oferecendo-lhes salvação gratuita e o poder para viverem uma vida transformada, em harmonia com Ele e com os outros seres humanos.

A Segunda Vinda – Num momento futuro, que só Deus conhece, Cristo voltará em glória como prometido. Ele assegurará a imortalidade para os que aceitarem a Sua oferta de perdão e de salvação.

A consumação – Depois de mil anos, Cristo regressará para executar o julgamento final, eliminar o mal e restaurar a perfeição original da Sua Criação, que durará por toda a eternidade.

A cosmovisão bíblica e a sua descrição são atraentes porque propõem respostas às interrogações mais fundamentais do ser hu-

mano acerca da sua origem, da sua natureza, do seu propósito e do seu destino. Ao mesmo tempo, essas respostas oferecem explicações satisfatórias para o que aprendemos, descobrimos e experimentamos na vida real, dando significado e uma esperança transcendente aos mais profundos anseios humanos.

CONCLUSÃO

Como foi explicado, cientistas igualmente qualificados podem chegar a diferentes conclusões devido a fatores metodológicos, por trabalharem dentro de paradigmas diferentes ou por terem cosmovisões contrastantes. No entanto, os cientistas cristãos que conduzem pesquisas a partir de uma cosmovisão bíblica podem trabalhar em cooperação com outros cientistas que não partilhem das suas pressuposições, e, mesmo assim, fazer conjuntamente descobertas significativas e chegar a conclusões válidas. Os cientistas que aceitam a narrativa bíblica como verdadeira e confiável têm a vantagem de ter à sua disposição opções e discernimento conferidos pelo Criador nas Escrituras, o que pode gerar perguntas de pesquisa que levarão a abundantes hipóteses, explicações e descobertas. ▢

NOTA

1 Texto condensado e adaptado do seu artigo "Porque os Cientistas Interpretam a Realidade de Modo Divergente?", cap. 1, pp. 8-18, do livro coletivo *Mistérios da Criação*, Tatuí, SP: CPB, 2013 (organizadores: L. James Gibson e Humberto M. Rasi).

Não se incluem as notas bibliográficas que constam das páginas 17 e 18 do referido artigo.



UTOPISMO DIGITAL

Liberdade, liberdade!... Onde estás? Era um dado adquirido das gerações que nos precederam que todos pensávamos e assumíamos que éramos livres. Tomávamos as nossas decisões. Fazíamos as nossas escolhas. Com a publicidade tradicional, não havia suspeita de estarmos a ser “vigiados”, “conduzidos”, “induzidos” a ver, ler, ouvir, comprar ou ir...

Subtilmente, sub-repticiamente, sem nos darmos conta, a nossa privacidade desapareceu! Isto, apesar da carga enfadonha e absolutamente teórica de formalidades para usufruir da “proteção de dados”, do “direito inalienável à nossa privacidade”. Pura utopia! Manobra de diversão... O nosso livre-arbítrio passou para segundo ou terceiro plano, foi-nos ofuscado, simplesmente subtraído. Deixámos de escolher por nós mesmos. A

liberdade de determinar por nós próprios foi-nos coarctada. A ironia é que, sem nos apercebermos, julgamos ainda usufruir de uma aumentada liberdade espontânea e voluntária de escolher: ver ou não ver, ler ou não ler, ouvir ou não ouvir, comprar ou não comprar, ir ou não ir... A realidade é que, na prática, perdemos esse dom e direito inalienável – a liberdade de escolha livre e independente. Nesta sociedade globalizada e modelada pela *Internet*, temos vivido na ilusão de sermos autónomos, sem qualquer coação externa, na tomada das nossas decisões em sociedade. Acreditávamos que os Estados em democracia garantiriam efetivamente essa liberdade aos eleitores. Puro engano! Pura utopia! Os próprios líderes também são vítimas, como os meros cidadãos, que somos nós.



≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

Nas últimas décadas, tem havido uma revolução no âmbito de quem controla o conhecimento e a informação. Ora, esta rápida transformação colocou em risco a maneira como pensamos. A sociedade humana não fez uma pausa para avaliar as consequências e os custos, e adotou os produtos e os serviços de quatro megaempresas. São os gigantes tecnológicos que se tornaram monopólios em ascensão e que ambicionam englobar toda a existência humana. É assim que “fazemos compras na *Amazon*, convivemos no *Facebook*, recorremos à *Apple* para nos divertirmos e confiamos na *Google* para nos informarmos”.¹

Afinal, onde estão, onde se localizam, e quais as raízes dessas megaempresas? Uma região da baía de São Francisco, na

Liberdade, liberdade!...
Onde estás? Era um
dado adquirido das ge-
rações que nos precede-
ram que todos pensáva-
mos e assumíamos que
éramos livres.

Califórnia (EUA), tornou-se no lar de múltiplas empresas de alta tecnologia – eletrónica e informática. O local emblemático é *Silicon Valley* (o Vale do Silício), quase um nome mágico, que significa não apenas uma região geográfica, mas, sobretudo, o espírito, a ação e a intenção desses gigantes tecnológicos em busca do monopólio e do lucro a ele associado. Apesar de tudo ter começado no início do século XX, por mais estranho que pareça, a ascensão e “o anseio de *Silicon Valley* pelo monopólio remontam à contracultura da década de 1960, surgindo da mais lírica visão de paz e amor. Mais concretamente, ele tem início com um dos aristocratas da cultura *hippie*”, Stewart Brand.²

MEGAMONOPÓLIOS TECNOLÓGICOS

Algumas destas empresas adotaram o nome que expressa as suas aspirações ilimitadas. Por exemplo, a *Amazon* inspirou-se no maior rio do Planeta, o Amazonas, e adotou um logótipo com uma seta amarela (por baixo da palavra), formando um sorriso e unindo o A ao Z, para representar a variedade de produtos vendidos. A *Google* deriva do gugol, um número (1 seguido por 100 zeros) usado pelos matemáticos

para representar quantidades inimaginavelmente grandes. Quando Larry Page e Sergey Brin fundaram a *Google* (em 4 de setembro de 1998) tinham como missão “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil”. Com o tempo, isto revelou-se demasiado restrito. A *Google* agora pretende construir carros sem condutor, fabricar telefones, criar máquinas que repliquem o cérebro humano e até conquistar a morte. A *Amazon* queria ser “apenas” “a livraria”, depois “a loja de tudo”, mas agora produz programas de televisão, concebe *drones* e dá vida à “nuvem”. A estas empresas tecnológicas mais ambiciosas juntamos o *Facebook*, a *Apple* e a *Microsoft*, que concorrem para se tornarem no nosso “assistente pessoal”.

“Querem acordar-nos pela manhã e pretendem que o seu *software* de inteligência artificial nos acompanhe ao longo do dia, sem nunca saírem de junto de nós. Desejam tornar-se (...) no nosso calendário, nos nossos contactos, nas nossas fotografias, nos nossos documentos. Pretendem que os procuremos instintivamente em busca de entretenimento e de informação, enquanto desenvolvem catálogos completos das nossas intenções e aversões.”³

As grandes empresas tecnológicas (a que os Europeus chamam GAFa: *Google*, *Apple*, *Facebook* e *Amazon*) estão a obliterar os princípios que protegem a individualidade e o livre-arbítrio. Estas empresas pretendem automatizar as escolhas que fazemos ao longo do dia, por mais pequenas que sejam. Através dos seus algoritmos, sugerem as notícias a ler, a maneira como lemos e aquilo que lemos (*Google*, *Amazon* e *Facebook*), os bens a comprar (*Amazon*), o caminho que percorremos (*Google*) e os amigos que convidamos para o nosso círculo (*Facebook* – que abrange dois mil milhões de indivíduos).

Estes monopólios tecnológicos deram origem a uma nova Ciência, que tem como objetivo desenvolver produtos que alimentem os gostos dos consumidores. Querem remodelar toda a cadeia de produção cultural, para obter ainda mais lucros. No domínio do conhecimento, o monopólio e o conformismo são riscos inseparáveis. O monopólio representa o risco de que uma empresa poderosa venha a usar o seu domínio para “esmagar” a diversidade da concorrência. Por outro lado, o conformismo representa o risco de que uma das empresas monopolistas, intencional ou inadvertidamente, se sirva da sua preponderância para “esmagar” a diversidade de opiniões e de gostos. Isto significa que, resultante destes monopólios, “à concentração segue-se a homogeneização”.⁴

FACTOS, FALSIDADE E DESINFORMAÇÃO

Por outro lado, principalmente neste século XXI, o jornalismo tem passado a de-



pende exageradamente do *Facebook* e da *Google*. Estas grandes empresas tecnológicas fornecem ao jornalismo uma enorme percentagem do seu público e, por acréscimo, uma grande fatia de rendimento. Isto garante a *Silicon Valley* a possibilidade real de influenciar toda a profissão, um poder que foi aproveitado ao máximo. Na mesma sequência, estes gigantes tecnológicos têm minado e enfraquecido as leis de direitos de autor. O velho conceito de autoria, que colocava em evidência o génio individual, foi esvaziado pela nova teoria da criatividade, ao destacar as virtudes da colaboração. Como afirmou Reid Hoffman, um dos fundadores do *LinkedIn*: “Ninguém consegue chegar ao êxito sozinho. [...] A única forma de chegar a algo magnífico é trabalhando com outras pessoas.”⁵ Quando a *Google* começou a digitalizar todos os livros no Planeta, Kevin Kelly (cofundador da revista *Wired*) sonhou com uma espécie de fusão de cada livro: “De uma forma curiosa, a biblioteca

universal torna-se num texto único muito, muito, muito grande: o único livro do mundo.” Neste processo, ele enaltecia a “mente coletiva” ou “mente colmeia”.⁶ Mas uma mente coletiva é uma mente intelectualmente incapacitada, com uma capacidade reduzida de distinguir entre facto e ficção. E o *Facebook* conseguiu chegar a um consenso, mas não o que fora prometido. Ao contrário de aproximar o mundo, o poder da sua rede ajudou a dividi-lo.⁷ Na realidade, o “*Facebook* e a *Google* criaram um mundo em que os antigos limites entre factos e falsidade se esbateram, onde a desinformação se espalha viralmente”.⁸ Provavelmente, o mais inquietante é que estes poderes tecnológicos têm vindo a destruir um bem precioso – a possibilidade de reflexão e de contemplação. “Criaram um mundo em que somos constantemente observados e estamos sempre distraídos. Com a acumulação de dados, criaram um retrato da nossa mente, o qual usam para guiar, às escondidas, o comportamento das massas (e, cada vez mais, o comportamento individual), com o objetivo de propalar os seus interesses financeiros. (...) Essas empresas já atingiram o seu objetivo de alterar a evolução humana. Todos nos tornámos já um pouco ciborgues. O nosso telefone serve de extensão da memória; deixámos certas funções mentais básicas nas mãos dos algoritmos; cedemos os nossos segredos, deixando que sejam armazenados em servidores e explorados por computadores. Todavia, é preciso que nunca nos esqueçamos de que estamos não apenas a fundir-nos com máquinas, mas também com as empresas que gerem essas máquinas.”⁹

HEGEMONIA SUFOCANTE

Os megamonopólios tecnológicos de *Silicon Valley*, através das suas decisões, dos seus algoritmos e das suas tecnologias, dominam



A questão impõe-se: o que podemos e devemos fazer para recuperarmos a nossa vida interior, a autonomia, a privacidade, a liberdade, o livre-arbítrio, a capacidade e o poder de reflexão e de contemplação?



"Estamos à deriva, a caminho do monopólio, do conformismo, das suas máquinas."

a vida de sete mil milhões de consumidores de Tecnologia. Autopromoveram-se como defensores da individualidade e do pluralismo, mas os seus algoritmos conduziram-nos ao conformismo e comprometeram a nossa privacidade. Em resultado, produziram uma instável, e cada vez mais direcionada e limitada, cultura de desinformação, que vai desembocando num mundo sem observação privada, sem pensamento autónomo ou introspeção solitária. Como bem sugere Franklin Foer (no título e subtítulo do seu livro), vivemos num *"Mundo sem Mente – a Ameaça Existencial da Alta Tecnologia"*.

Na realidade, o mundo desenvolveu-se em todas as áreas do conhecimento, até antes da instalação da hegemonia sufocante das tecnologias digitais. Também é verdade que, no limite, poderíamos continuar a viver hoje sem computadores, sem telemóveis, sem internet e sem *GPS*, tal como a Humanidade viveu durante milénios. Todavia, não se pode, nem deve, negar as enormes vantagens destes bens à nossa disposição. A facilidade, a rapidez, a eficiência, a comodidade, a objetividade e o pragmatismo que eles nos oferecem são reais. Na atualidade, tudo isto se tornou imprescindível. A vida já não é concebível sem estes objetos e bens que nos acompanham e que até dormem connosco. Toda a existência em sociedade está concebida e organizada em função destas tecnologias. Contudo, existe o outro lado da questão: o modo e a filosofia que estão por detrás das empresas que fornecem estes bens e serviços. Além das intenções dessas empresas está o facto de estes objetos e serviços (sem nos darmos conta), por serem omnipresentes e possuírem algo de encantatório, pois causam dependência, serem viciantes; hipnotizam-nos, absorvem-nos, abafam-nos, apossam-se de todas as nossas capacidades, isolam-nos do mundo que nos rodeia e impedem que tenhamos

consciência da realidade que nos cerca. Rotularam-nos como objetos promotores de comunicação, mas, ao invés, revelam-se antissociais e inibidores do diálogo pessoal. Ou seja, não permitem que façamos mais nada, além de os "adorarmos"...

O NOSSO IMPERATIVO

A questão impõe-se: o que podemos e devemos fazer para recuperarmos a nossa vida interior, a autonomia, a privacidade, a liberdade, o livre-arbítrio, a capacidade e o poder de reflexão e de contemplação? O nosso imperativo é resistirmos aos gigantescos monopólios tecnológicos! Resistir à tentativa de agregação por estas empresas e compreender as ambições corporativas subjacentes ao seu êxito. Estamos a viver um estágio inicial da automação e homogeneização totais da vida social, política e intelectual. Somente pela tomada de decisão individual poderemos resistir e sobreviver!

A conclusão de Franklin Foer é que “neste momento não estamos a governar o nosso rumo. Estamos à deriva, sem uma pressão equilibradora do sistema político, dos *media* ou da elite intelectual. Estamos à deriva, a caminho do monopólio, do conformismo, das suas máquinas. Nesta era de rápida automatização, com a internet a ligar quase tudo e todos, pensar em governar o nosso rumo pode parecer néscio e fútil. ‘O nosso domínio parece escapar-se ao nosso domínio’, afirmou o filósofo Michel Serres. ‘Como dominar o nosso domínio?’ [...] As empresas tecnológicas sonham em dominar-nos a vida e os hábitos, mas essas vidas e esses hábitos continuam a pertencer-nos”.¹⁰ E Franklin Foer lança-nos o desafio: “Preocuparmo-nos mais com a conveniência e com a eficiência do que com aquilo que realmente dura é uma ilusão. Quando comparados com o poder da vida contemplativa e com o compromisso profundo para com o texto, muitos dos prazeres promíscuos da *Web* são efême-

ros. A vida contemplativa permanece à nossa disposição por intermédio das escolhas que fazemos – o que lemos e compramos, como nos dedicamos ao ócio e à melhoria pessoal, o ignorar tentações vãs, a preservação de espaços tranquilos, a busca intencional pelo domínio do nosso domínio.”¹¹

O contexto em que estamos a viver, repleto de tentativas monopolistas de controlar todas as facetas das nossas identidades e de influenciar todos os níveis das nossas tomadas de decisão, é mais um *signal dos tempos*, mas não será o único. Outras tentativas seguirão. Entretanto, face à invasão abusiva da propriedade intelectual e da privacidade, acreditamos que se impõe uma reação vigorosa ao utopismo digital, numa época em que precisamos desesperadamente de resgatar a cultura de uma nova ética social com base na liberdade individual. E, para que se mantenha o imperativo da resistência, recorde-se Victor Hugo: “A liberdade começa onde acaba a ignorância.”¹²

NOTAS

1 Acerca das megaempresas tecnológicas e monopolistas, recomendamos o livro de Franklin Foer, *Mundo sem Mente – A Ameaça Existencial da Alta Tecnologia*, Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2018. É considerado pela crítica como um livro urgente e importante que deve ser lido por todos os que usam as tecnologias digitais. É uma fascinante descrição biográfica dos maiores protagonistas da alta tecnologia e das suas intenções. Para este artigo somos devedores, em grande parte, à pesquisa de Franklin Foer.

2 *Idem*, pp. 23 e 24.

3 *Idem*, pp. 11 e 12.

4 *Idem*, p. 15.

5 *Idem*, p. 181.

6 *Idem*, p. 198.

7 *Idem*, pp. 197-200.

8 *Idem*, p. 17.

9 *Idem*, pp. 18 e 19.

10 *Idem*, p. 254.

11 *Idem*, p. 255.

FAMÍLIA

MUDANÇA DE PARADIGMA DO CONCEITO DE FAMÍLIA



≈
Natividade Lopes
Professora

O termo *Família* é um dos mais emocionantes do vocabulário humano. A maioria associa-o ao amor, ao afeto e ao conforto, à segurança, à aceitação, à proteção e à educação. A palavra *Família* estabelece associações com outros termos, como “casamento”, “filhos”, “casa” ou “parentesco” e, na realidade, esses são elementos que aparecem em muitas definições de “família”. Independentemente das diferentes definições e associações, “A família é sem dúvida a maior Unidade de Crescimento Humano”.¹ É o elemento mais firme, mais seguro e mais estruturante da personalidade dos seus membros. É o local privilegiado para a formação do caráter dos filhos, em que os adultos desempenham um papel decisivo no pleno desenvolvimento das capacidades, das atitudes e dos valores que sustentam as competências do sistema como um todo.

Não sendo única na nossa sociedade, a família é a primeira e a mais forte instituição com caráter de socialização, em que a aprendizagem se realiza através da própria experiência da vida familiar.² Sendo a matriz de desenvolvimento dos seus membros, a família tem de ser vista como um sistema dentro de outros sistemas inseridos num determinado contexto, com uma cultura própria. Até porque, sem um bom sistema familiar não há verdadeira construção da sociedade. É por essa razão que “a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura”.³

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA

A evolução social determinou a evolução do conceito de família, fazendo surgir novos tipos de organização familiar, onde variam a estrutura, a dinâmica, a cultura, as relações e as funções, tornando a sua compreensão mais complexa, global e, por isso, mais difícil de analisar. “Cada vez mais encontramos famílias ‘normais’, à luz dos novos paradigmas,

em que os membros nem sempre partilham a mesma residência, nem sempre os descendentes são filhos dos adultos dessa família e nem sempre os adultos são de sexos diferentes.”⁴

Por outro lado, sendo comprovadamente um sistema dinâmico, cada família possui um dinamismo próprio que lhe confere, para além da sua individualidade, a sua autonomia. Daí resulta que a família se tem transformado através dos tempos.

Até aos anos cinquenta (... 1950), a ideia de família ocidental baseava-se no *conceito parsoniano*⁵ que a reconhecia como um espaço de estabilização emocional dos adultos e de socialização das crianças, isto é, transmissão dos valores culturais, sociais e religiosos da sociedade em que nasceram. O conceito de família tradicional defendia que é na convivência com o pai e com a mãe que a criança aprende como se deve comportar, o que lhe é permitido e negado, bem como os papéis sociais que cabem aos diferentes elementos que constituem a família.

A década de sessenta (1960 ...) foi um marco de viragem na história da família das sociedades ocidentais. Para Luc Ferry, “o século XX funcionou como um ácido, fazendo desmoronar, ou, pelo menos, apagar, os princípios de sentido e valor que formavam os quadros tradicionais da vida humana”.⁶

Atualmente, vivemos um período de grande mudança de valores e de organização social marcada pela emergência de novos valores e comportamentos, pela dissociação entre casamento e iniciação sexual e pela exigência do reconhecimento dos casamentos homossexuais.⁷

Neste processo, a família tende a transformar-se de experiência total e permanente em experiência parcial e transitória da vida individual. O que torna cada vez mais difícil dar uma definição de fa-

mília que satisfaça todos. Veja-se as diferenças estruturais de família nos modelos que seguem.

EXEMPLOS DE MODELOS ESTRUTURAIS DE FAMÍLIA NA EUROPA

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em especial nos últimos trinta anos, tem-se assistido, na Europa e no mundo ocidental, a mutações da estrutura familiar. “Pode dizer-se que coexistem vários modelos familiares: **o modelo nórdico** (países escandinavos), caracterizado pela saída precoce dos filhos da família de origem, por um número elevado de uniões de facto e de crianças nascidas fora do casamento e, também, por uma alta taxa de divórcios; **o modelo mediterrânico** (países da Europa meridional), de cariz tradicional, em que os filhos se mantêm por mais tempo no núcleo familiar de origem, onde diminuem as taxas de natalidade e aumenta o número de uniões de facto; a idade núbil aumenta, e aumenta também a taxa de divórcios. Existe, ainda, **o modelo continental**, que é um modelo intermédio (Áustria, Bélgica, França, Alemanha e Luxemburgo).”⁸

MODELOS DE FAMÍLIA EM PORTUGAL

O percurso de transformação teve o seu início a partir da mudança política iniciada em 25 de abril de 1974. Tem-se caracterizado por uma vida familiar em inovação. Os vários movimentos de modernização da sociedade portuguesa das últimas décadas contribuíram para a aproximação dos padrões demográficos e familiares portugueses daqueles que já se verificavam noutras sociedades ocidentais.

Assim, dentro do universo crescente dos múltiplos tipos estruturais de família, os mais comuns são: as uniões de facto, uniões livres, famílias recompostas, monoparentais, unipessoais e homossexuais.

Consideram-se **uniões de facto** as

peçoas que vivam em comunhão de habitação, cama e mesa há mais de dois anos, mas que não tenham um vínculo de casamento. As **uniões livres** diferem das uniões de facto por não estar presente a ideia de formar família com contratos. As **famílias recompostas** constituem-se por laços conjugais após divórcio ou separações; neste tipo é frequente a existência de filhos de casamentos ou de ligações diferentes, ocasionando meios-irmãos. As **famílias monoparentais** são compostas pela mãe ou pelo pai e os filhos, resultantes de divórcio, viuvez ou da própria opção dos progenitores – mães solteiras, adoção por parte de mulheres ou de homens só e ainda devido ao recurso a técnicas de reprodução. A **família unipessoal** é aquela em que alguém, atingindo a idade adulta, pode viver temporariamente sozinho. Por fim, as denominadas **famílias homossexuais** são constituídas por duas pessoas do mesmo sexo, com ou sem filhos.⁹

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA DE PARADIGMA DO CONCEITO DE FAMÍLIA

A relativização do conceito de família, os novos conceitos de família, o aumento de casos de divórcio, as novas composições e funções da família, a variação nas relações e na estabilidade, a diferente organização, foram algumas das consequências herdadas da mudança. Vejam-se alguns exemplos concretos.

Na nossa sociedade, *a mulher tem, muitas vezes, de renunciar à família e à casa,* tem de colocar os filhos em meios não conformes aos princípios que a orientam na sua família.

Umás vezes, por questões económicas, outras, pela afirmação da sua realização e promoção social, *todos os membros da família se encontram em situações e ambientes diferentes, têm contactos diferentes e convivem com ideias e culturas divergentes.* Tudo isto se prende com o trabalho, com a ocupação dos tempos livres ou outros, mas em ambientes



que lhes dificultam o modo de ver a vida, sentindo-se divididos, o que faz alterar o relacionamento entre os membros da família.

“Numa sociedade ‘dita’ pós-moderna, altamente determinada pelo excesso de informação e saturada pela imagem, o tempo para comunicar pessoalmente tornou-se inadequado, e a disposição para tal inexistente. Cada vez mais se comunica através de mensagens, por *chat* informático ou *SMS*, do que pelo diálogo verbal. Os relacionamentos tornam-se mais ‘digitalizados’ do que humanos, camuflados por ilusões e simulações. A família fica cada vez mais fragmentada nos seus momentos de encontro tradicionais, e a comunicação familiar mais distante.”¹⁰

Em relação ao casal, o número reduzido de filhos e de outras presenças na família isolam os cônjuges. Os *casos de separação e/ou de divórcio superam o número de casamentos*. O aumento de vítimas de violência familiar é constante.

Em relação aos filhos, alguns não são desejados, outros não sabem quem são nem de onde vêm. Crescem em famílias desagregadas,

caóticas ou rigidificadas. Em consequência, tem-se verificado um aumento crescente de crianças e de adolescentes vítimas de abandono, de negligência e de maus-tratos psíquicos, de violência doméstica, de entrega para adoção ou institucionalização.¹¹

O declínio moral – “Entre as múltiplas causas do aumento das ruturas familiares no Ocidente, pode encontrar-se o declínio da moral baseada nas ‘verdades absolutas’, tal como é apresentada pelas religiões tradicionais.”¹²

A secularização da família (*i.e.*, a regulação da família fora do quadro dos princípios bíblico-cristãos) – “Como efeito reativo a este afastamento da espiritualidade tradicional, assistimos a um renascimento dos esforços de recuperação dos valores e das tradições familiares adaptadas às novas realidades. A religião e a espiritualidade estão, cada vez mais, a ser utilizadas como instrumentos de terapia familiar.”¹³

Esta é apenas a ponta do *iceberg* de alguns dos efeitos negativos da mudança de paradigma do conceito de família.

O PARADIGMA DIVINO DE FAMÍLIA

Perante a realidade e a inevitabilidade da mudança, convém lembrar que o desígnio de Deus para a família assenta no casamento entre um homem e uma mulher, e no relacionamento de amor entre si e de ambos com Deus, o Criador. Segundo a narrativa bíblica, o Deus Criador preparou o *habitat* perfeito para a morada do ser humano. Do próprio homem, Deus criou a mulher. Dois seres distintos e complementares, ambos potenciais de vida. Os dois, homem e mulher, foram unidos pela bênção de Deus, para continuarem a ser “um”, a célula básica da Humanidade. Assim Deus criou a família, celebrando o primeiro casamento (Gênesis 1:27 e 28; 2:7, 18 e 21-25).¹⁴ Jesus Cristo, a figura central do Cristianismo, nasceu também numa família (Mateus 1:16, 18-25).

CONCLUSÃO

Da análise feita neste artigo podemos tirar algumas breves considerações:

(1) “A família (...) é o espaço de vivência de relações afetivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade... Numa trama de emoções e de afetos positivos e negativos que, na sua elaboração, vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos e de pertencermos àquela e não a outra qualquer família.”¹⁵

(2) Relações familiares equilibradas são a garantia do equilíbrio pessoal, institucional e social. Mesmo que tenha de suportar as crises sociais derivadas do próprio processo e da dinâmica social, e apesar de todas as mudanças, a família continua a ser um meio natural de transmissão de valores humanos morais, éticos e espirituais.

(3) Como corolário da mudança de paradigma do conceito de família, encontramos, hoje, perante novos cenários familiares flexíveis e fluidos. O que significa que estamos perante o real enfra-

quecimento da união matrimonial e da família enquanto instituição.

(4) E, como bem diz Pedro Strecht, “As crianças modelam-se aos adultos que as rodeiam”.¹⁶ Assim, tornou-se num imperativo individual, familiar, institucional e social a prevenção de vários problemas graves que têm surgido na família e invadido as nossas sociedades, fazendo das crianças as maiores vítimas. Optar por uma verdadeira cultura de proteção à família é urgente. ▢

NOTAS

1 Maria Olívia Dias, *Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica – O processo de comunicação no sistema familiar – Gestão e Desenvolvimento*, 19 (2011), pp. 139-156.

2 Para mais informação sobre o carácter de socialização da família, ver Fausto Amaro, *Introdução à sociologia da família*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2006.

3 José Manuel Gameiro, *A família na visão sistémica*, 1992, p. 32. www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/a-familia-na-visao-sistemica/36942. Citado também por Ana Paula Relvas, *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica, Afrontamento*, Porto, 1996, p. 11.

4 Ana Paula Relvas e Madalena Alarcão, *Novas formas de família*. Quarteto Editora, Coimbra, 2002 (citado por Maria Olívia Dias, *op. cit.*, p. 146).

5 O conceito parsoniano deriva de Talcott Parsons (1902-1979), sociólogo americano.

6 Luc Ferry, *Famílias: amo vobis – política na era da globalização*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2008, pp. 49 e 50.

7 João Pedroso & Patrícia Branco, *Mudam-se os Tempos, Muda-se a Família*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 82, setembro 2008, pp. 53-83.

8 *Idem*, o sublinhado é nosso.

9 *Idem*.

10 António Amorim & Irene Paula Amorim, *Famílias Segundo o Coração de Deus*, Publicadora SerVir, Sabugo, 2010, p. 40. (Para mais detalhes, ver ainda pp. 38-46.)

11 Pedro Strecht, *Crescer Vazio*, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2004, p. 187.

12 António Amorim & Irene Paula Amorim, *op. cit.*, p. 9, cita J. M. Gottman, *Por Qué Fracasan los Matrimonios*. *Family Networker*, 18:3, (1994), pp. 41-48.

13 António Amorim & Irene Paula Amorim, *op. cit.*, pp. 9 e 10.

14 *Idem*, pp. 14-20.

15 Madalena Alarcão, *(Des)Equilíbrios familiares, uma visão sistémica*. Quarteto Editora, Coimbra, 2002, 2ª Edição, p. 37.

16 Pedro Strecht, *op. cit.*, p. 30. Para mais detalhes, ver o capítulo 1.



PERDOAR FAZ BEM¹

≈
Julián Melgosa
Psicólogo

Série *CRER FAZ BEM*

O perdão é a base de todos os relacionamentos. Não perdoar é prejudicial à interação humana e à saúde física e mental – confirmam os estudos e os especialistas.

Depois de terminar os estudos em pós-graduação na *Universidade Andrews*, o Pastor Ruimar de Paiva, a esposa e os dois filhos mudaram-se para a Ilha de Palau. O Pastor assumiu as funções de coordenação da Missão Adventista do Sétimo Dia na Ilha, enquanto pastoreava uma grande igreja. A família pastoral era de origem brasileira, mas os seus membros tinham-se tornado cidadãos americanos uns anos antes.

Muitos dos habitantes locais apreciavam e amavam esta família. O casal e os filhos eram bondosos para com todos e recebiam sempre bem qualquer pessoa que os procurasse. Estudantes missionários que trabalhavam como professores na escola secundária da igreja Adventista local adotaram a família Paiva como sua família. Até planearam passar a noite de Natal na casa deles no período das festas de 2003. Infelizmente, esse encontro não chegou a acontecer. Na noite de 22 de dezembro, um assaltante entrou na casa e assassinou o Pastor, a esposa e o filho de

11 anos. Depois, tentou violar a filha do casal, colocou-a no carro e abandonou-a na beira da estrada.

Numa comunidade relativamente pequena e graças à descrição feita pela jovem, o assassino foi localizado e preso imediatamente, no momento em que ia tentar o suicídio. Chamava-se Justin Hiroshi e tinha consumido drogas antes do assalto.

Avisados da tragédia, os pais do Pastor Ruimar chegaram a Palau para assistir ao funeral e levar a neta de regresso aos Estados Unidos da América. Durante os dias que se seguiram, a mãe do Pastor visitou na prisão o homem que matou o filho, a nora e o neto. Apesar de dilacerada pela dor da perda, ela conversou amavelmente com Justin e orou com ele. Disse-lhe que já o tinha perdoado e continuaria a pedir a Deus por ele. Justin chorou.

O funeral envolveu entidades oficiais. Durante a cerimónia fúnebre, a Sr^a Paiva, percebendo que a mãe do criminoso estava presente, pegou no microfone e convidou-a a aproximar-se. Então, abraçou-a ternamente e disse: “Aqui estão duas mães chorando pelos filhos que perderam.” A seguir fez um pequeno discurso e um apelo à comunidade de Palau para não guardar rancor contra a família de Justin. Confirmou que a família Paiva já o tinha perdoado. Acrescentou ainda que ambas as mães tinham tentado educar bem os seus filhos e ensiná-los a discernir entre o certo e o errado, e que isso todas as mães podem fazer.

Então, o responsável máximo da Ilha de Palau elogiou a generosidade da família das vítimas e expressou vergonha, arrependimento e tristeza em nome da família de Justin. Também informou que o clã da família de Justin, apesar de possuir recursos muito limitados, tinha vendido os seus bens e doado à família Paiva 10

mil dólares para ajudar a financiar a educação da menina órfã.

Toda a população da Ilha foi transformada para sempre por causa da atitude perdoadora demonstrada pelos pais da família Paiva. Um habitante, referindo-se às mudanças positivas ocorridas na comunidade, disse que “a família Paiva tinha feito maior bem depois da sua morte do que antes”.

O VALOR DO PERDÃO

O perdão é, talvez, a qualidade moral mais estudada do ponto de vista psicológico. A culpa, muitas vezes resultante da falta de perdoar, é uma tremenda barreira para a saúde mental e para o bem-estar psicológico. Esta é a razão pela qual os profissionais da área sentiram a necessidade de estudar o perdão, como se relaciona, de que depende e de que maneira causa uma série de factos e experiências. As pesquisas demonstram que as pessoas que estão dispostas a perdoar e a receber perdão são física e mentalmente mais saudáveis do que aquelas que não têm essa disposição.

Receber o perdão (de Deus e daqueles a quem se ofende) e conceder o perdão aos outros são experiências de alto valor psicológico. O perdão é um tema central na Bíblia. Há dois tipos de mensagens acerca do perdão: 1) Aqueles que mostram a necessidade de buscar o perdão de um Deus amoroso, que proveu os canais para retirar a culpa e obter a purificação moral, e 2) aqueles que estimulam as pessoas a perdoarem-se mutuamente. Ambos os processos são essenciais, e o segundo é uma condição para o primeiro. Isto é, o perdão não se torna viável sem que seja concedido o perdão aos outros (Mateus 5:23 e 24; 6:14 e 15; Marcos 11:25; Lucas 6:37).

O tema do perdão faz parte tanto do Antigo Testamento (AT) como



A culpa, muitas vezes resultante da falta de perdoar, é uma tremenda barreira para a saúde mental e para o bem-estar psicológico.

Entretanto, o perdão não é compreendido da mesma forma em todas as religiões. No Budismo, os conceitos fundamentais são a tolerância e a compaixão; o perdão não faz necessariamente parte do Budismo, embora os Budistas possam estar dispostos a perdoar e até a reconciliar-se. O Islamismo valoriza e estimula o perdão, mas é prerrogativa da vítima concedê-lo. O Judaísmo também valoriza e estimula o perdão, mas alguns Judeus não consideram proveitoso conceder o perdão ao ofensor que não reconhece o erro cometido. Comparativamente, os Cristãos mantêm o padrão mais elevado (Mateus 6:12; 18:22; Marcos 11:25; Lucas 23:34), embora não seja evidente que os Cristãos perdoem mais do que os não-Cristãos ou as pessoas não-religiosas.

Uma coisa é certa: *Perdoar faz bem! À saúde física e mental do indivíduo e da sociedade.* ▢

NOTA

1 Adaptado de Julián Melgosa, *Crer Faz Bem*, Tatuí, SP: CPB, 2015, pp. 59-62.

do Novo Testamento (NT). No AT, há vários exemplos – Gênesis 50:17; I Samuel 15:24 e 25; 25:28; Provérbios 16:7. É no NT que a ênfase acerca do perdão é mais evidente. Disse Jesus (Mateus 5:43 e 44, *BpT*): “*Ouviram o que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e desprezarás o teu inimigo.’ Mas eu digo-vos: ‘Tenham amor aos vossos inimigos e peçam a Deus por aqueles que vos perseguem.’*” Jesus também não deixou dúvidas quanto à virtude do perdão (Mateus 18:21 e 22, *BpT*): “*Pedro aproximou-se então de Jesus e fez-lhe esta pergunta: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar ao meu irmão, se ele continuar a ofender-me? Até sete vezes?’ Jesus respondeu: ‘Não até sete, mas até setenta vezes sete!’*”

PROFECIA



Paulo Lima
*Editor da Sinais
dos Tempos*

**JESUS, O
DISCÍPULO
DE DEUS**

INTRODUÇÃO

As profecias são um dos aspetos da Bíblia que a tornam num livro fascinante. Entre estas profecias, destacam-se as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Este tipo específico de profecias faz referência ao “Messias” (*mashiah*, em hebreu), o “Ungido”, que viria à Terra com a tarefa de reconduzir a Humanidade para o Deus Criador. Estas profecias descrevem com detalhe o ministério e a vida do Messias e revelam os principais aspetos da Sua missão.

Entre as profecias messiânicas do Antigo Testamento, encontram-se quatro composições poéticas presentes no livro do profeta Isaías, que são conhecidas pelos estudiosos como os “Poemas do Servo de *Yahweh*”. Estes poemas descrevem a vocação, o ministério e a morte de um enigmático personagem designado, por Isaías, como “o servo de *Yahweh*”.

Já tivemos a oportunidade de interpretar os dois primeiros “Poemas do Servo de *Yahweh*” (Isaías 42:1-7 e 49:1-7) nas páginas da *Sinais dos Tempos* de 2019. No presente número da revista, iremos procurar compreender o “Terceiro Poema do Servo de *Yahweh*”, que se encontra em Isaías 50:4-9. O “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*”, presente em Isaías 52:13-53:12, será estudado num número futuro da *Sinais dos Tempos*.

Eis o texto da profecia de Isaías 50:4-9: “O Senhor Yahweh deu-me uma língua de discípulo para saber auxiliar o fraco com uma palavra. De manhã em manhã ele desperta, sim, ele desperta o meu ouvido para escutar, como os discípulos. O Senhor Yahweh abriu-me o ouvido e eu não me revoltei, não recuei. Ofereci o meu dorso aos que me fustigavam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o meu rosto às injúrias e aos escarros. Mas o

Senhor Yahweh me socorreu, eis porque não fiquei confundido, eis porque coloquei o meu rosto como um sílex e sei que não serei envergonhado. Perto está aquele que me justifica. Quem ousará querelar comigo? Compareçamos juntos! Quem é o adversário no meu julgamento? Que ele se apresente perante mim! Eis que o Senhor Yahweh é o meu socorro, quem será aquele que me condenará? Eis que todos eles serão gastos como uma veste: a traça os devorará.”

Este poema foi composto durante a fase final do longo ministério do profeta Isaías. Esse ministério decorreu entre 739 a.C. e 690 a.C.. Em seguida, vamos interpretar este enigmático texto profético e, depois, mostrar como ele teve o seu cumprimento histórico em Jesus de Nazaré.

INTERPRETAÇÃO DE ISAÍAS 50:4-9

Neste “Terceiro Poema do Servo de *Yahweh*”, o servo anónimo toma a palavra para descrever, num monólogo, a sua vocação. Com humildade e dedicação, fala sobre a sua relação com o Senhor *Yahweh* e acerca da sua preparação para a missão profética recebida de Deus. Ele é um homem cuja existência é governada pelo ouvir e pelo falar. Em ambos os aspetos, é um “discípulo” (*limmūd*) de Deus. Na verdade, está focado no Senhor tanto para ouvir como para falar. Ele é um homem à escuta de Deus, que comunica a Palavra de Deus.

O servo recebeu uma “língua de discípulo”, isto é, uma língua bem ensinada e bem adestrada. A língua de alguém que foi instruído para repetir fielmente a Palavra de Deus, o seu Mestre. Assim, o poder do servo reside na sua boca (cf. Isa. 49:2). De facto, o servo recebeu do Deus Criador uma extraordinária capacidade oratória, para poder “auxiliar o fraco com

uma palavra". Esta é a sua tarefa: confortar o fraco. O "fraco" que é auxiliado pelo servo é todo aquele que faz parte do povo de Deus (cf. Isa. 40:27-31). É aquele que está espiritualmente abatido, sem esperança, e que pode ser consolado pela "palavra" vinda do Senhor *Yahweh* (cf. Isa. 49:2). Esta "língua de discípulo" serve para repetir aquilo que o servo, enquanto "discípulo", escuta da parte de Deus "de manhã em manhã". O servo ouve, de modo atento e submisso, a mensagem de Deus como o discípulo ouve o ensino do seu mestre. Cada manhã, o servo está em contacto imediato e em constante comunicação com Deus. Cada manhã, o Senhor desperta-lhe o ouvido para o instruir, comunicando-lhe assim a "palavra" que profere com "língua de discípulo". Esta escuta atenta e repetida revela uma

pronta compreensão da mensagem divina. Assim, a eficácia da palavra do servo provém do facto de que ela é a expressão direta da vontade de Deus revelada ao servo, Seu discípulo, cada manhã. É porque o servo, como discípulo, escuta Deus cada manhã, que pode comunicar aquilo que ouviu. Logo que a noite passa e que ele recobra a consciência, o servo ouve a voz de Deus falar-lhe ao ouvido, pelo que os seus primeiros pensamentos são governados pela instrução divina. Ele vive à escuta de Deus e repete fiel e docilmente as instruções que recebe de Deus, como um bom discípulo repete as palavras do seu mestre. Assim, está apto para ensinar outros. É de notar que aquele que fala não recebe a designação de "servo" (*'ebed*) neste Poema. O servo, aqui, apresenta-se como o "discípulo" (*limmúd*) de Deus por



excelência. Neste “Terceiro Poema do Servo de *Yahweh*”, o servo de Deus é o discípulo de Deus que está equipado para o ofício profético, sendo capacitado pelo Senhor *Yahweh* para executar essa missão.

É verdade que o servo aceitou in-
trepidamente a sua vocação e a sua mis-
são, não opondo resistência ao chama-
do de Deus. De facto, o Senhor “abriu
o ouvido” do servo, permitindo-lhe
compreender perfeitamente a mensa-
gem que deveria levar ao povo de Deus.
Diante desta revelação divina, o servo
recebeu com atenção e submissão as li-
ções de *Yahweh*. Ele não se “revoltou”
perante os ensinamentos do Senhor, ainda que
estes tornassem difícil a sua missão, nem
“recuou” face ao seu dever de comunicar
esses ensinamentos àqueles que os deveriam
ouvir, ainda que anteviesse as prováveis
consequências negativas dessa comuni-
cação para si. Assim, a Palavra que ele
recebeu anunciou-lhe o combate que
teria de enfrentar. Este combate impli-
cou passar por um intenso sofrimento.
Mas o servo não se deixou desviar da
sua missão de ouvir a instrução divi-
na e de falar a Palavra vinda de Deus.
Aceitou, paciente e voluntariamente, o
sofrimento no desempenho da sua mis-
são sem uma palavra de rebelião, man-
tendo-se sempre submisso e obediente
à vontade de Deus. O servo enfrentou
resolutamente todas as dificuldades e
oposições, nomeadamente a violência
dos seus detratores. Este sofrimento
do servo está estreitamente vinculado
ao seu papel de mediador da Palavra de
Deus. Tal sofrimento é a consequência
da sua fidelidade à missão de levar a Pa-
lavra de *Yahweh*. Ele é fiel à sua missão
até ao martírio. De facto, o servo enu-
mera os sofrimentos e as injúrias por
que passou voluntariamente, como re-

sultado do cumprimento da sua missão.
Ele foi fustigado nas costas, o que, além
de ser doloroso, era vergonhoso (Sal.
129:3; Prov. 10:13; Lam. 3:30). Arran-
caram fios da sua barba, ato doloroso,
destinado a envergonhá-lo (II Sam.
10:4; Neq. 13:25). Injuriaram-no, para
o envergonharem publicamente. Cuspi-
ram-lhe no rosto, o que era o cúmulo
da injúria e da desonra para um Judeu
(Núm. 12:14; Deut. 25:9; Job 30:10).
Todos estes atos degradantes e humi-
lhantes foram realizados por aqueles
que não reconheceram a missão que
Deus confiou ao Seu servo e que não
aceitaram os ensinamentos transmitidos pelo
perfeito “discípulo” do Senhor *Yahweh*.
Mas nada disto desencorajou o servo.

Perante a ignomínia que viveu, o
servo fala agora da sua plena confiança
em *Yahweh*. Ele sabe que Aquele que o
chamou está ao seu lado nesta hora de
tribulação. De facto, o servo crê que Deus
o socorreu nestes momentos de angústia,
de dor e de humilhação, pelo que os atos
de agressão e de hostilidade destinados
a confundir-lo realmente não o envergon-
haram, pois aqueles que colocam a sua
confiança no Senhor nunca serão enver-
gonhados (Isa. 49:23). Assim, ele fez o
seu “rosto como um sílex”. O sílex conta-se
entre as pedras mais duras. Portanto, esta
expressão indica a determinação abso-
luta do servo para fazer face aos golpes
e aos insultos, como se fosse incapaz de
os sentir. Tal determinação deriva da sua
aceitação voluntária das agressões e das
ofensas que recebe por parte dos seus ad-
versários. O servo tem a certeza de que
Deus está do seu lado, embora os maus-
tratos que recebe indiquem, aparente-
mente, o oposto. Ele está convencido de
que é o próprio Deus que permite o seu
sofrimento e que deseja que ele aceite

esse sofrimento. Deste modo, aceita o sofrimento com nobreza de alma, porque sabe que essa é a vontade de Deus para ele. Revela-se, assim, a ilimitada confian-

çamento de Deus, o servo enfrenta serenamente o julgamento humano. Em última instância, não será ele que ficará confundido e envergonhado. Os seus perseguidores

O servo não será maltratado por muito mais tempo. A esperança que o servo tem de que, finalmente, triunfará é alimentada pela sua confiança absoluta no auxílio protetor do Senhor.

ça do servo no Senhor *Yahweh*. O servo é paciente e resiliente perante as agressões e as humilhações, porque Deus lhe dá forças para resistir. Ele sabe que *Yahweh* o justificará quando chegar o momento oportuno. Na verdade, ele sabe que é perseguido, não por ter cometido o mal, mas por causa da sua vocação profética, que o liga fielmente a Deus. O sofrimento que tem de suportar não é o de um homem culpado de crime, mas o de um homem justo diante de Deus.

No entanto, o servo não será maltratado por muito mais tempo. A esperança que o servo tem de que, finalmente, triunfará é alimentada pela sua confiança absoluta no auxílio protetor do Senhor. A certeza que o servo tem de que Deus está do seu lado e de que pode intervir a qualquer momento é expressa através do desafio que ele lança aos seus adversários – aqueles que o agrediram e humilharam – para que movam contra ele uma ação legal perante o tribunal divino. Pois ele está convencido de que Deus o justifica e de que, por isso, ninguém realmente o pode condenar. Sabendo que o Deus que ele serve é o derradeiro Juiz, o servo não duvida de que Ele o declarará totalmente inocente e perfeitamente justificado. Assim, confia a sua causa ao Juiz Supremo, o Senhor *Yahweh*. Colocando a sua confiança no

serão, eles sim, totalmente confundidos e envergonhados. O servo sairá vitorioso desta crise. A veracidade da sua mensagem e a autenticidade da sua missão tornar-se-ão patentes para todos.

A certeza que o servo tem de ser socorrido e absolvido pelo Juiz divino é repetida no versículo final deste “Terceiro Poema do Servo de *Yahweh*”. O servo crê firmemente que Deus está do seu lado, pelo que ninguém o poderá condenar no tribunal que realmente conta: o tribunal divino. Assim, os seus sofrimentos e a sua humilhação, voluntariamente aceites, não são o resultado da sua culpabilidade perante Deus, mas devem ter outra explicação. Esta explicação será apresentada no “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*” (Isa. 52:13-53:12). Na verdade, o servo expressa não apenas a sua inocência, mas também a sua convicção de que os seus adversários, que agora o maltratam e humilham com impunidade, perecerão. Tal como as vestes se gastam com o uso e são lançadas fora, também os oponentes do servo “*serão gastos como uma veste*” (cf. Sal. 102:26). Tal como as vestes de lã são devoradas pela traça, também os oponentes do servo serão devorados pela morte (cf. Isa 51:8). O triunfo final do servo de *Yahweh* é garantido.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que a descrição apresentada por este “Ter-

ceiro Poema do Servo de *Yahweh*” sugere a situação de um prisioneiro que é maltratado durante a sua detenção e o seu julgamento. Contudo, desde a manhã que ele despertou com a certeza de que Deus o ajuda e de que, por isso, será vindicado perante os seus inimigos que o maltratam e acusam. Ele espera por esse momento com serena confiança e com irreprimível alegria, pois esse é o momento em que triunfará e em que, assim, glorificará Deus.

JESUS, O SERVO DE YAHWEH

A profecia do “Terceiro Poema do Servo de *Yahweh*” cumpriu-se com perfeição no ministério e na paixão de Jesus de Nazaré. Na verdade, podemos afirmar que Jesus é a única Personalidade histórica que cumpriu com exatidão esta profecia de Isaías.

Jesus recebeu de Deus a capacidade, no decurso do Seu ministério, de dizer uma palavra de conforto ao fraco. Por isso, Ele declarou: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”* (Mat. 11:28). Ele despertava cedo, cada manhã, para ouvir Deus falar-Lhe (Mar. 1:35). O que Ele ouvia de Deus comunicava aos Seus discípulos (João 15:15) e ao mundo (João 8:26, 28). A Sua doutrina provinha da instrução divina. Por isso, Ele disse: *“Então conhecereis quem eu sou, e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”* (João 8:28). Embora a missão de Jesus fosse difícil de cumprir, pois implicava o sacrifício da própria vida, Ele não Se revoltou contra Deus, nem recuou perante o martírio (Luc. 22:42; João 18:11).

Depois de ter sido preso pelas autoridades judias e romanas, Jesus foi muito maltratado. Foi açoitado (Mat. 27:26; Mar. 15:15; Jo. 19:1), esbofeteado (Mat. 26:67; Mar. 14:65; Luc. 22:64; Jo. 18:22; Jo. 19:3), cuspidos (Mat. 26:67; Mat.

27:30; Mar. 14:65; Mar. 15:19) e escarnecido (Mat. 27:31; Mar. 15:17-20; Luc. 22:63; 23:11). No entanto, não ameaçou ninguém, mas entregou-Se a Deus, Aqule que julga com justiça (I Ped. 2:21-23). Encarou o Seu injusto julgamento e a Sua cruel condenação com absoluta determinação, pois sabia que teria que passar por ambos para cumprir a Sua missão (e.g., Mar. 8:31; 9:31; 10:33 e 34).

Perante os Seus juízes humanos, Jesus declarou que Deus daria, no último dia da história da Terra, testemunho da Sua inocência ao revelar que Ele era, de facto, o Messias de Israel (Mat. 26:64; Mar. 14:62; Luc. 22:69). Sendo justificado pelo próprio Deus, Jesus seria considerado, após a Sua morte e a Sua ressurreição, como *“o Santo e o Justo”* (At. 3:14; cf. At. 7:52; 22:14; Heb. 7:26).

Assim, Jesus cumpriu integralmente a profecia de Isaías 50:4-9. Na verdade, esta profecia permite-nos compreender o mistério da paixão de Jesus. As ofensas e as agressões que Jesus Cristo teve de sofrer, como Servo e Discípulo de Deus, não impediram a realização do projeto divino, mas foram o meio pelo qual esse projeto foi concretizado. Ao viver a Sua paixão, Jesus revelou ser o Servo sofredor e o Discípulo obediente de *Yahweh* profetizado por Isaías.

CONCLUSÃO

Jesus veio à Terra para cumprir a missão que Deus Lhe confiou. Ele é o Servo de *Yahweh* profetizado por Isaías. Sendo o perfeito Discípulo de Deus, Jesus Cristo pretende fazer discípulos entre os seres humanos. Discípulos que sejam fiéis ao Deus Criador. Assim, caro Leitor, aceite o convite de Jesus, e torne-se, por meio da fé n’Ele, num discípulo de Deus. Aceite Jesus, o Servo de *Yahweh*, como seu Salvador! ▢



2020 – ANO INTERNACIONAL DA FITOSSANIDADE

“O Ano Internacional da Fitossanidade é uma iniciativa-chave tendo em vista destacar a importância da saúde vegetal para melhorar a segurança alimentar, proteger o meio ambiente e a biodiversidade, e impulsionar o desenvolvimento económico”, disse Jingyuan Xia, secretário do IPPC – *International Plant Protection Convention*.

Atualmente, cerca de 40% da produção global de alimentos perde-se devido a pragas e a doenças das plantas.

“Apesar do crescente impacto das pragas de plantas, os recursos são escassos para

resolver o problema. Esperamos que este novo Ano Internacional da Fitossanidade desencadeie uma maior colaboração global para apoiar as políticas de saúde das plantas em todos os níveis, o que contribuirá significativamente para a Agenda de Desenvolvimento Sustentável”, acrescentou Jingyuan Xia.

Esta é uma iniciativa decidida em Assembleia Geral da ONU – sendo implementada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e pelo Secretariado do *International Plant Protection Convention (IPPC)*. ▢



www.confagri.pt/2020-ano-internacional-da-fitossanidade/
www.agriculturaemar.com/onu-proclama-2020-como-ano-internacional-da-fitossanidade/

≈ NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR ≈

165 TONELADAS DE RESÍDUOS RETIRADOS DE PRAIAS PORTUGUESAS



Esta é uma notícia que tem duas faces – uma negativa e outra positiva. A negativa são as toneladas de resíduos acumulados nas praias. A positiva é a campanha de sensibilização ambiental ECOPRAIAS “Vamos Reciclar à Beira-Mar”, que recolheu 165 toneladas de resíduos para reciclagem. Esta operação decorreu em 33 praias de Almada, Sesimbra e Setúbal. Mais de 22 mil crianças apanharam 50 toneladas de plástico e metal, 35 toneladas de papel e cartão e 80 toneladas de vidro. Esta iniciativa, destinada à população em geral, incidiu, em especial, junto dos mais novos e de quem frequentou as “colónias de férias”. Decorreu entre os dias 22 de junho e 15 de setembro de 2019. Estiveram envolvidas quase 23 mil crianças e 400 entidades relacionadas com os tempos livres, numa ação contínua que totalizou cerca de 91 mil pessoas.

O objetivo desta campanha é sensibilizar para as “boas práticas ambientais” e consciencializar para “a importância da separação adequada dos resíduos de embalagem”. A recolha das embalagens foi assegurada com uma rede de ecopontos, juntamente com os “mochileiros” da

Amarsul, responsáveis por recolherem das praias “50 toneladas de plástico e metal, 35 toneladas de papel e cartão e 80 toneladas de vidro”.

Com o regresso às aulas, a educação ambiental transita da praia para as salas de aula. O programa de sensibilização direcionado às escolas e aos alunos premeia com 0,50 euros cada saco de embalagens de plástico, de metal e de pacotes de bebida bem separados e entregues pelo estabelecimento de ensino.

Em 2018, o programa ECOVALOR envolveu “quase oito mil ações” de sensibilização, no qual se envolveram mais de 20 mil participantes de todo o país, que contribuíram para a recolha de “1160 toneladas de resíduos, dos quais 619 toneladas foram de plástico e de metal, 111 toneladas de vidro e 430 toneladas de papel e cartão”.

Em conclusão, duas notas positivas: primeira, evitar poluir os mares e as praias; segunda, continuar a recolher resíduos e a reciclar. ▢



O Deus Criador, Soberano e Salvador

"No princípio criou Deus os Céus e a Terra" [Gênesis 1:1 – *BEA*].

"EU SOU AQUELE QUE É!"
[Êxodo 3:14.]

"Eu Sou o SENHOR: não mudo de palavra" [Malaquias 3:6].

"O SENHOR, vosso Deus, está acima dos deuses e é o Senhor dos senhores; é o grande Deus, forte e terrível, um Deus que não faz distinção entre as pessoas, nem se deixa comprar com presentes" [Deuteronômio 10:17].

"Porventura não o sabes? Será que não ouviste dizer? O SENHOR é um Deus eterno; criou a Terra dum extremo ao outro. Não se cansa nem perde as forças. A sua sabedoria é insondável" [Isaías 40:28]. "Assim fala o SENHOR Deus, que criou os céus e os estendeu, que consolidou a terra com a sua vegetação, que deu a vida às populações que a habitam, e anima os que nela se movem. (...) Eu

sou o SENHOR, este é o meu nome. A ninguém cedo a minha glória, nem aos ídolos o louvor que me é devido" [Isaías 42:5, 8]. "Eis o que declara o SENHOR, rei de Israel, seu protetor, o SENHOR do universo: Eu sou o primeiro e o último; fora de mim não há outro deus" [Isaías 44:6]. "Eu, o SENHOR, falo de maneira franca, o que anuncio é bem claro. (...) Fora de mim não há nenhum outro deus. Eu sou um Deus justo e salvador, e não existe nenhum outro. Voltem-se para mim e sereis salvos, os que habitais nos confins da terra, pois eu sou Deus e não há nenhum outro" [Isaías 45:19, 21 e 22]. "Lembrem-se da vossa história de sempre: vejam que eu sou Deus e não há outro; não existe nenhum Deus como eu. Anuncio de antemão o que vai acontecer; muito antes que suceda, já o prevejo. Eu digo: o meu plano cumprir-se-á, tudo quanto eu quero, eu o faço. (...) Mas a minha vitória está próxima, mesmo a chegar. A minha salvação não tardará" [Isaías 46:9 e 10, 13].



"Mas o SENHOR é o verdadeiro Deus, Deus vivo e rei eterno. Quando ele está irado, o mundo estremece; as nações não podem suportar a sua indignação. Devem responder-lhes assim: estes deuses não fizeram os céus e a terra; por isso, devem desaparecer desta terra e de debaixo deste céu. [...] Eu sou o SENHOR, Deus de toda a humanidade" [Jeremias 10:10 e 11; 32:27].

"Ó Deus, não há outro deus como tu, que esqueces e perdoas a rebeldia e os pecados do que ainda resta do teu povo! Tu não manténs a tua ira para sempre e nos mostras com agrado o teu amor. Mais uma vez, tem compaixão de nós; esquece os nossos crimes e lança os nossos pecados no fundo do mar" [Miqueias 7:18 e 19].

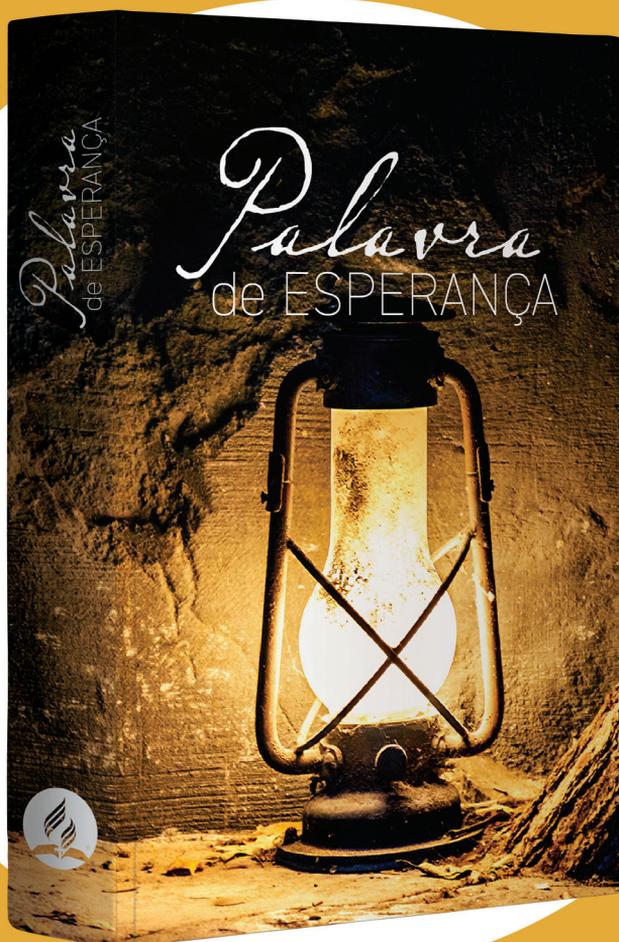
"Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do julgamento! Adorem aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas!" [Apocalipse 14:7.]
"Aleluia! Porque o Senhor, o nosso Deus,

o todo-poderoso estabeleceu o seu reinado! Alegremo-nos e regozijemo-nos e dêmos-lhe glória" [Apocalipse 19:6 e 7].
"E ouvi uma voz forte que vinha do lado do trono: Esta é a morada de Deus junto dos homens. Ele habitará com eles e eles serão o seu povo. É este Deus que estará com eles. Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos e já não haverá mais morte nem luto nem pranto nem dor porque as primeiras coisas desapareceram. E o que estava sentado no trono disse: Agora faço tudo novo. E acrescentou: Escreve que estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança. E disse-me ainda: É um facto. Eu sou o alfa e o ómega, o princípio e o fim. Ao que tem sede dou-lhe a beber de graça da fonte das águas vivas. Aquele que vencer receberá estas coisas em herança. Eu serei o seu Deus e ele será o meu filho" [Apocalipse 21:3-7]. ▢

NOTA

Textos de *A Bíblia para Todos* (BpT), exceto o assinalado (BEA)
Bíblia de Estudo de Almeida – Revista e Atualizada.

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 933 93 92 91